



INTERNATIONAL CATHOLIC  
CHARISMATIC RENEWAL SERVICES

SERVINDO A  
RENOVAÇÃO CARISMÁTICA  
NA IGREJA CATÓLICA DESDE 1972

# BOLETIM DO ICCRS PARA LÍDERES

Formação para líderes atuais e líderes novos da RCC

■ VOLUME XVIII, NÚMERO 5

■ OUTUBRO – DEZEMBRO 2012

Nova Evangelização:

## O Ano da Fé e a Nova Evangelização

■ Michelle Moran

Foi com grande alegria que a equipe do ICCRS pode estar presente na Praça de São Peter para a Missa de Abertura do Ano da Fé em 11 de outubro de 2012. Sem dúvida, este foi um momento histórico que ocorreu durante a XXIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, com foco na “Nova Evangelização para a transmissão da fé”. Havia um profundo senso de unidade no Espírito, pois sabíamos que o evento que estávamos vivendo com o Santo Padre seria celebrado também nas Catedrais e Paróquias de todo o mundo.

Em certo sentido, cada ano deveria ser um ano de fé. Então o que há de tão especial neste ano? O Papa Bento XVI está usando a oportunidade do 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II e 20º aniversário da publicação do *Catecismo da Igreja Católica* para convidar as pessoas a voltar para a fonte da fé. No entanto, ele também reconhece que, hoje, há uma urgência ainda maior para a missão. Em sua homilia na Missa de abertura, ele disse que não estávamos reunidos apenas para “honrar um aniversário”, mas que “hoje a Igreja propõe um novo ano de fé e uma nova evangelização, pois isto se faz ainda mais necessário do que há 50 anos atrás”. Em várias ocasiões o Santo Padre falou sobre os muitos desafios à fé com os quais nos deparamos, particularmente no mundo ocidental. Ele reconhece que não é tão fácil viver nossa fé hoje e que muitas vezes somos uma minoria.

Em meio a esta “crise da fé” é vital para todos nós redescobrir nossa fé como um tesouro escondido ou como a pérola preciosa. Ele diz que o Ano de Fé é “uma convocação para uma conversão autêntica e renovada para o Senhor, o único Salvador do mundo”. (6) O Santo Padre incentiva todos os fiéis a reencontrarem sua fé, não como um fardo ou como um dever, mas como uma oportunidade ou um convite para um encontro mais profundo com Deus. Ele sugere que o ano não é apenas para falarmos mais “sobre” Deus, mas é um chamado para aprofundarmos nosso relacionamento com Deus, para falar “com” Ele através de uma vida de oração renovada.



para aprofundarmos nosso relacionamento com Deus, para falar “com” Ele através de uma vida de oração renovada.



### O Ano da Fé e a Nova Evangelização

Seria errado para nós, no entanto, interpretar o Ano de Fé apenas como uma oportunidade para os fiéis crescerem na fé. O ano especial, inaugurado durante o Sínodo sobre a nova evangelização, está também intimamente associado com o chamado para compreendermos mais profundamente e nos engajarmos mais plenamente na nova evangelização. Na verdade, a passagem da escritura, Atos, capítulo 14, que o Papa Bento XVI usou como título para este ano especial fala sobre “a porta da fé”. Podemos ver que a missão de Paulo e Barnabé está ganhando impulso.

Em Icônio “..uma grande multidão de judeus e gregos se converteu à fé” (Atos 14,1). No entanto, uma atividade missionário fecunda é geralmente acompanhada de oposição e dificuldades, assim vemos Paulo sendo apedrejado e deixado para morrer (atos 14:20). Paulo, no entanto, recupera força suficiente para completar a missão e dirige-se com tenacidade para a próxima cidade onde muitos discípulos se formaram. Neste período da sua missão, eles estão envolvidos em uma dupla atividade: “confirmavam as almas dos discípulos e exortavam-nos a perseverar na fé” (Atos 14,22) e “abrir a porta da fé para os gentios” (Atos 14,27). Claramente, o Papa Bento XVI está usando essas duas atividades como trilhos para a Igreja centrar-se durante o ano de Fé.

A Nova Evangelização, em muitos sentidos para nós da RCC, não é nova, porque é uma graça que flui de Pentecostes. No entanto, este Ano de Fé pode ser um convite para olharmos o quanto fiéis estamos sendo em nosso mandato missionário. O Santo Padre lembra-nos que; “hoje como no passado, Cristo

### NESTA EDIÇÃO

Nova Evangelização:

#### O Ano da Fé e a Nova Evangelização

Michelle Moran

Vida de um Líder:

#### Liderando com autoridade

Julienne Mesedem

Perguntas à Comissão Doutrinal do ICCRS:

#### Como discernir se uma pessoa está realmente repousando no Espírito?



**O Santo Padre incentiva todos os fiéis a reencontrarem sua fé, não como um fardo ou como um dever, mas como uma oportunidade ou um convite para um encontro mais profundo com Deus.**



## Nova Evangelização: O Ano da Fé e a Nova Evangelização (continuação)

envia-nos para as estradas do mundo a anunciar o seu Evangelho a todas as pessoas... Em todos os tempos Ele convoca a Igreja, confiando-lhe a proclamação do Evangelho por um mandato que é sempre novo.” (7)

Em uma reunião recente do Pontifício Conselho para os Leigos, na qual participei, foi salientado que o Ano de Fé não é uma celebração como tal ou um chamado para um ativismo excessivo, mas é, sim, um convite para edificar a fé. Há, portanto, um convite para cada um de nós aprofundarmos nossa fé. Também precisamos formar experiências mais fortes de comunidade onde a fé pode ser alimentada e sustentada. Nossa evangelização deve centrar-se, finalmente, em “levar pessoas para fora do deserto, para um lugar de vida, para uma amizade com o filho de Deus, para Aquele que nos dá vida e vida em abundância”. (2)

### A contribuição particular da Renovação Carismática

O Concílio Vaticano II salientou a vocação e missão dos leigos e a Renovação Carismática Católica é um dos chamados “movimentos eclesiais” da Igreja que nasceu do Concílio Vaticano II. Como parte do Ano da Fé, o Papa Bento XVI está chamando para um encontro dos movimentos eclesiais na Praça de São Pedro para a Vigília de Pentecostes, no dia 18 de maio de 2013.


Na verdade, a Igreja está olhando para todos os movimentos eclesiais, para que, de forma ativa, façam sua parte no Ano da Fé. Para este fim, o cardeal Rylko, Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos, exortou os movimentos a exercerem seus carismas particulares. Ele diz que os movimentos são escolas de fé que têm a capacidade de formar cristãos sólidos. A fé precisa ser ensinada novamente, mas também vivida em uma maneira nova. Ele observou que muitos movimentos enfatizam a necessidade de conversão pessoal e quando vivemos uma vida orientada para uma contínua conversão, assumimos uma nova personalidade. Acontece, então, unidade entre fé e vida.

O Ano de Fé dá à Renovação Carismática Católica uma oportunidade de convidar tantas pessoas quanto possível para um relacionamento pessoal com Jesus Cristo no poder do Espírito Santo. Uma das maneiras de fazer isto é promovendo mais amplamente Seminários de Vida no Espírito e fazendo tudo o que pudermos para convidar novas pessoas para participar. Infelizmente, em algumas partes do mundo, parece ter se tornado comum pessoas continuarem a participar de seminários, como participantes. Assim, não estamos disseminando a graça da Renovação, mas meramente reciclando! Os seminários destinam-se a ser uma rampa de lançamento para uma vida no Espírito, cultivada e nutrida na comuni-

dade cristã, idealmente, no grupo de oração. A fim de crescer em maturidade, todos nós precisamos do apoio e orientação de uma comunidade. Assim, o Ano de Fé nos move a edificar comunidades fortes, lugares de pertença que podem tanto fortalecer a fé das pessoas como ser um testemunho dinâmico para aqueles ao seu redor. Portanto, durante este ano especial, seria bom refletir sobre a qualidade de vida em nossos grupos de oração. Estamos crescendo na fé? Há um profundo senso de comunidade koinonia, onde buscamos ter “um só coração e mente” e estamos sempre prontos a amar, respeitar e perdoar uns aos outros? Como estão nossos grupos de oração buscando aqueles que nos rodeiam através de testemunho e serviço?

Podemos também usar este ano especial como uma oportunidade para um check-up espiritual e para nos comprometemos a nos aprofundarmos em nossa fé. Referindo-se aos textos do Concílio Vaticano II, o Papa Bento XVI diz que “eles precisam ser lidos corretamente, serem amplamente conhecidos e serem levados ao coração como textos normativos e importantes do Magistério, dentro da tradição da Igreja” (5). Falando na Missa de Abertura do Ano da Fé, o Santo Padre disse: “Acredito que o mais importante, especialmente em uma ocasião tão importante como esta, é reviver, em toda a Igreja o desejo ardente de anunciar Cristo novamente ao homem contemporâneo. Mas, para que este impulso interior para a nova evangelização não permaneça apenas como uma ideia, e nem se perca na confusão, ele precisa ser construído sobre uma base concreta e precisa, e essa base são os documentos do Concílio Vaticano II, o lugar onde encontrou expressão.

Por isso, tenho insistido muitas vezes na necessidade de voltar, por assim dizer, à “carta” do Conselho — a referência aos documentos nos salva de extremos de nostalgia anacrônica e de ir muito à frente, e permite que o novo seja bem acolhido em um contexto de continuidade. O Conselho não formulou nada novo em matéria de fé, nem pretendeu substituir o antigo, mas preocupou-se em ver que a fé pode continuar a ser vivida nos dias de hoje, que ela pode permanecer uma fé viva em um mundo de mudança.”

À medida que a RCC caminha para o Jubileu de Ouro em 2017, temos o dever de continuar a crescer em maturidade eclesial. O Ano de Fé nos estende um convite maravilhoso para revisar alguns desses textos do Concílio Vaticano II que tem sido tão importantes em nosso crescimento e desenvolvimento. Paralelamente, o CIC é um tesouro rico que nutre e ilumina a nossa fé, capacitando-nos a sermos um testemunho ainda mais crível de fé para aqueles que nos rodeiam. 

*Nota: Os números que se encontram no texto são de referência aos extratos de Carta Apostólica 'Porta Fidei' do papa Bento XVI com data de 16 de outubro de 2011.*

 **ICCRS**  
International Catholic  
Charismatic Renewal Services

Endereço Postal: Palazzo San Calisto, 00120 Cidade do Vaticano – Europa  
Telefone: +39 06 69 88 71 26/27  
Fax: +39 06 69 88 72 24  
Site: www.iccrs.org  
e-mail: newsletter@iccrs.org

O Boletim do ICCRS para Líderes é uma publicação internacional publicada juntamente com o Informativo do ICCRS. Seu objetivo é proporcionar formação sobre temas importantes da RCC.

Entre em contato com o Escritório do ICCRS para obter permissão para reimpressão.  
O Informativo do ICCRS é grátis para recebimento por e-mail e custa 10€ para recebimento pelo correio. Além disso, o Boletim do ICCRS para Líderes está disponível para assinatura, por 15€ ao ano, por e-mail.

À vida em sociedade faltaria ordem e riqueza sem a presença de homens investidos de autoridade legítima. Eles garantem a proteção de instituições e satisfazem as necessidades na medida certa, para o bem comum. Autoridade vem do verbo *augere* em Latim, que significa “fazer crescer”. Autoridade é a qualidade pela qual as pessoas ou instituições elaboram as leis e dão ordens aos homens, esperando obediência em contrapartida. A autoridade não deriva sua legitimidade moral de si mesma. Ela não deve ser exercida de maneira autocrática. Pelo contrário, ela deve agir tendo em vista o bem comum como força moral sobre a liberdade e a responsabilidade.

Exercer autoridade é lutar para revelar uma hierarquia justa de valores, e para facilitar o exercício da liberdade e da responsabilidade para todos. O líder deve aplicar justiça, distribuir tudo com sabedoria, levando em consideração as necessidades e contribuições de cada pessoa, na esperança de contribuir para a harmonia e a paz. O líder deve assegurar-se de que as regras e compromissos que estabelece não o levem à tentação de colocar interesses pessoais acima dos da comunidade. Jesus disse, “Se alguém quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (Mc 9,35). Confrontado com a indignação dos discípulos em vista do pedido dos filhos de Zebedeu, Ele disse: “Sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam, e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos. Pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”. (Mc 10,42-45)

A base da autoridade não é o poder, mas a submissão e o sacrifício da própria vida (Jo 10,11). A autoridade que precede o líder não é para sua glória, mas para proteção, para confrontar o lobo no caso de ameaça e agressão. A autoridade não consegue alimentar as ovelhas, exceto quando o líder confia em Jesus e expressa seu amor por Ele. Em todas as circunstâncias ele deve buscar a vontade de Deus, e ser obediente para conseguir passar aos outros o que ele recebeu. “Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque sem mim, nada podeis fazer.” (Jo 15,5)

Para ser glorificada, a autoridade precisa ser realizada no cordeiro sacrificial. Toda autoridade vem de Deus: “Todo homem se submete às autoridades constituídas, pois não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram estabelecidas por Deus” (Rm 13,1). O Senhor concede autoridade para a nossa edificação e não para nossa ruína: “E ainda que eu me gloriasse um pouco mais do poder que Deus nos deu para a vossa edificação, e não para a vossa destruição, eu não me envergonharia por isso” (2 Cor 10,8). Porque a autoridade vem de Deus, ela deve ser permeada pela misericórdia do coração de Deus, que o instiga, que o preenche até o ponto de não poder mais viver

a não ser pela salvação de Suas ovelhas. O exercício da autoridade é medido moralmente em termos de sua origem divina, sua natureza amável, e seu objetivo específico. Ninguém pode comandar ou estabelecer estruturas que se oponham à dignidade e à lei natural. Aquele que tem autoridade deve exercê-la como um serviço aos outros: “Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve” (Mt 20,26); “Depois que lhes lavou os pés, retomou o manto, voltou à mesa e lhes disse: ‘Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, pois eu o sou. Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar os pés uns aos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais’” (Jo 13,12-15).

Antes de cingir-se com a toalha, Jesus depõe o manto de mestre que usava. Isso equivale a uma declaração de um grande escândalo. Ele escolhe livremente ser escravo. Mais degradante ainda, Ele morre entre dois criminosos. Isto é uma completa inversão de valores. Esta cena esconde uma mensagem anteriormente inimaginável: quem acreditaria nisso? Quem jamais teria pensado... na aniquilação de si próprio, no serviço aos outros, esconde-se uma força incrível, honra, dignidade, vida e amor. Quando depôs suas vestes, Jesus despojou-se de sua autoridade, num ato que fala de doação e entrega. De Mestre Ele, por sua própria renúncia, passou à servidão. Quando Ele vestiu suas roupas novamente, depois de lavar os pés dos discípulos, Jesus manteve a vestimenta de servo. O Mestre Senhor é Aquele que serve. Depor as vestes também significa despojar-se de seus velhos hábitos – orgulho, egoísmo, e apatia – para ficar livre para receber tudo de Deus e querer fazer a doação de si mesmo com alegria. Nós temos que servir aos outros como Jesus para progredir num caminho de humildade que torna Cristo presente em todas as nossas ações.

O Papa Clemente de Roma escreveu esta oração para aqueles que estão no exercício da autoridade: “Conceda a eles, Senhor, paz, concórdia, e estabilidade, para que eles possam exercê-la sem ofender a soberania que tu lhes deste. Mestre, Rei celestial de todos os tempos, tu concedes glória, honra e poder aos filhos dos homens sobre todas as coisas da terra. Dirije, Senhor, o seu conselho, fazendo com que sigam o que agradável e aceitável sob o teu olhar, para que exercendo com devoção e em paz e amabilidade o poder que lhes concedeste, eles possam encontrar favor junto a ti”.

Embora nós sejamos aconselhados a obedecer e respeitar as autoridades, São Tomás de Aquino nos adverte ao dizer: “Uma lei humana tem o caráter de lei na medida em que esteja de acordo com a correta razão, sendo, portanto, derivada da lei eterna. Na medida em que ela falha em alcançar os padrões da correta razão, ela é considerada uma lei injusta, não tendo, portanto, a natureza de lei mas a de um tipo de violência”.



## PERGUNTAS À COMISSÃO DOCTRINAL DO ICCRS

A Comissão Doutrinal do ICCRS, atualmente liderada pela doutora Mary Healy, consulta teólogos e especialistas de todo o mundo.

Se você tiver uma pergunta sobre a RCC, por favor envie para [newsletter@iccrs.org](mailto:newsletter@iccrs.org)

# Como discernir se uma pessoa está realmente repousando no Espírito?

É importante não vermos o Repouso no Espírito simplesmente como um fenômeno incomum que emergiu entre os católicos através da Renovação. Esta abordagem pode sugerir que o fenômeno é inerentemente problemático. Uma abordagem mais sensata é considerar as implicações de uma oração mais forte de fé no poder do Espírito Santo em todo o ser daqueles que recebem a oração.

Considerando que nossos corpos são uma parte essencial de nosso ser, que nossa cura completa tem dimensões espirituais, psicológicas e físicas, não deveríamos ficar surpresos quando a oração da fé produz efeitos físicos visíveis. O que não devemos fazer é tentar fazer algo acontecer por nosso próprio esforços. Por esta razão, empurrar as pessoas para que caíam para trás e descansassem devem ser evitados. Também é errado colocar uma pressão psicológica sobre as pessoas, sugerindo que apenas aqueles que caem são abençoados.

Uma resposta completa requer um sentido do que acontece quando as pessoas estão em repouso (geralmente no chão) após a oração. Em muitos lugares na Renovação, as pessoas fazem fila esperando para receber oração e serem abençoadas e curadas. Quando recebem oração, muitos caem ao chão. Mas depois de meio minuto, elas se levantam e voltam aos seus lugares.

Para mim, isto parece ser um grande desperdício de tempo de todos e um desvio daquilo que o Senhor realmente deseja. Compartilho aqui minhas próprias reflexões como sacerdote-líder. Por que digo isso? É por que acho que o repouso no Espírito é uma distração e um desperdício de tempo? Não, porque tenho visto pessoas profundamente tocadas pelo Senhor enquanto estavam descansando no Espírito.

Digo isto porque o ato da queda é um ato de rendição. É um desaparego do meu próprio controle e pode tornar-se um sinal de submissão ao Senhor. Significa desligar nossos padrões de preocupação e ansiedade, tentando decidir como lidar com nossos problemas. Quando desligamos nossa mente competitiva e podemos verdadeiramente dizer: “Eu me coloco em Tuas mãos, Senhor,” o Senhor pode trabalhar em nós em um nível profundo. Algumas pessoas são levadas para partes esquecidas de suas vidas. Outros têm experiências profundas do Senhor. Alguns simplesmente não sabem o que está acontecendo. Na primeira vez que repousei no Espírito, a única coisa que eu soube, mais tarde, era que eu havia me erguido cedo demais!

Como sabemos se alguém está realmente repousando no Espírito? Esta não é uma pergunta importante, pois o que importa

é que os líderes e as pessoas tenham seu foco no Senhor, não em experiências, não em fenômenos incomuns. Quando os Cristãos batizados no Espírito se reúnem para buscar o Senhor, não precisamos fazer esta pergunta. Quando as pessoas estão repousando tranquilamente, as deixamos nas mãos do Senhor. Quando existem sinais de agitação, até mesmo movimentos violentos dos braços e pernas, o mais provável é que feridas e dores profundas, talvez suprimidas da memória, estão vindo à tona. E isso é bom, não mau. O que está se manifestando não é apenas o Senhor e Sua graça, mas dores profundas que o Espírito está revelando para curar. Se essas coisas estão perturbando a reunião, a pessoa deveria ser levada para outro lugar, onde o ato curador do Espírito possa continuar sem perturbação.



**...o ato da queda é um ato de rendição. É um desaparego do meu próprio controle e pode tornar-se um sinal de submissão ao Senhor.**



dores saíam é negar-lhes a chance de cura.

Outro fator hoje é que nosso mundo está cheio de ruídos! As pessoas carregam suas próprias formas de entretenimentos consigo mesmas: música, vídeo, programas de bate-papo, etc. O ruído é um dispositivo para afastar o isolamento, a solidão, a dor. O álcool e as drogas são outros dispositivos. Portanto, repousar no Espírito pode ser visto como dom de Deus, de um espaço de silêncio, onde Ele pode entrar e trabalhar. Em minha opinião isto não deveria ser visto com desconfiança, pois corremos o risco de “apagar o Espírito.” O que é necessário não é supressão, mas sabedoria e discernimento. Devidos às nossas vidas hiper ativas e barulhentas, entrega completa e repouso são difíceis para muitas pessoas. Elas querem resultados rápidos. Eles querem a versão fast-food. Portanto, elas repousam por um minuto e então se levantam. Este pode ser outro sinal de não deixar o Senhor lidar com nossas questões mais profundas. Repousar é um ato de profunda confiança.

Em nossos dias, muitos praticam oração de imersão, o que é realmente repousar com o Senhor. Isto será tratado em um artigo futuro. 🏠